

Em *Raízes do Brasil*, Sérgio Buarque de Holanda escreve que um “demônio pérfido e pretensioso” ocupa-se em obscurecer “verdades singelas”. Nele “Inspirados”, “os homens se veem diversos do que são e criam novas preferências e repugnâncias”. Cético, arremata: “é raro que sejam das boas” (Holanda, 1995, p.188). Entre as verdades singelas, está a da esfera pública ser uma ruptura com o personalismo de interesses privados, confeccionados e defendidos em facções constituídas na mamata da família patriarcal. Em poucas palavras, a esfera pública é uma ruptura com o particular.

Talvez não pudesse ter sido mais adequada a escolha dos 80 anos de *Raízes do Brasil* como mote para o Dossiê deste 73º número da RBH. Além dos caminhos percorridos pelo livro e por seu autor desde 1936, a pulsação cordial homem brasileiro, que bate cega de ódio ou ignorância ante a diversidade, também fundamenta nossa escolha.

Nas guinadas da democracia brasileira, revisitar – hoje – *Raízes do Brasil* e, também, o volume 7 da *História Geral da Civilização Brasileira (Do império à república*, de autoria de Holanda) é reaproximar-se da situação de seu autor, de sua circunstância: sondando o devir, ansioso de democracia e justiça social, seja nas vésperas do Estado Novo, seja nos anos de chumbo da ditadura militar. Para nossa desgraça, está longe a revolução que chamou “americana”. Distinta do golpe instantâneo e violento porque um processo de liquidação das raízes ibéricas de nossa História, a ser transplantada em novo chão, a revolução americana é vivida no dia a dia e com ampla participação. Se durante muito tempo os estudos históricos perceberam a imigração europeia, hoje em dia, índios e negros, mulheres e homens, outros trabalhadores e subalternos e ativismo LGBT são a capilaridade dessas raízes americanas, astuciosas e diversas.

Montado a partir da publicação avançada de artigos, este número veio a lume gradativamente. Ao ser fechado, dez artigos e cinco resenhas compõem

o sumário. Sete artigos integram o Dossiê “Sérgio Buarque de Holanda: 80 anos de *Raízes do Brasil*”, organizado por Ângela de Castro Gomes (vide sua Apresentação).

“A criação do Terceiro Corpo do Exército na província do Rio Grande do Sul: conflitos políticos resultantes da administração militar nos anos críticos da Guerra do Paraguai (1866-1867)”, de autoria de Vitor Izecksohn e Miquéias Mugge, analisa a mobilização militar a partir da relação entre o poder central, a presidência provincial e as lideranças regionais no Rio Grande do Sul, enfocando a formação do Terceiro Corpo do Exército. A arregimentação expôs as queixas sobre a execução do recrutamento e a intervenção do governo imperial em questões locais.

A produção da invisibilidade intelectual do negro é o tema de Mariléia Cruz, que se debruça sobre José do Nascimento Moraes, professor negro que atuou numa das Atenas que o Brasil tem, São Luís do Maranhão, no início do século XX. O artigo contempla sua trajetória familiar, escolar e profissional, dando ênfase às dificuldades encontradas durante a consolidação da sua vida profissional em razão de sua posição racial, quando esteve envolvido em debates na imprensa. Destacam-se aspectos ligados à polêmica travada com Antonio Francisco Leal Lobo, quando este, ao escrever sobre história literária, omitiu a presença de Nascimento Moraes.

Em “Cândido de Abreu: projetos do primeiro urbanista da cidade de Curitiba do início do século XX”, Marcus Bencostta ilumina o relevo de questões relacionadas à importância da arquitetura e do espaço por ela determinado como portadores e transmissores de linguagens e sentidos múltiplos acerca do universo urbano. Procura demonstrar as principais referências arquiteturais do engenheiro como suporte de compreensão de uma cultura urbana e escolar que toma como exemplo o edifício do primeiro grupo escolar do estado do Paraná.

Cinco resenhas completam este número. Livros preparados e escritos em português, aqui resenhados, com mérito reconhecido em premiações, são motivo de satisfação para a RBH.

Consolidam-se diversas mudanças, aqui confirmadas com a periodicidade quadrimestral, certamente um passo ousado em tempos temerários, inspirados em um demônio pérfido. Indício dessa conjuntura se encontra no parecer do CNPq que aprova nosso último pedido de apoio financeiro. Afora

a menção a restrições orçamentárias, está dado o recado de que traduções são um encargo das autorias, observação um tanto chocante, além de, em alguma medida, embaraçosa com a meta da internacionalização, propósito seguidamente frisado pelas agências de fomento. *Ad nauseam*. Será que isso é um sinal para um dia nos dizerem que o artigo é um ônus financeiro de quem o escreve? Haveremos de pagar para publicar?

Com força e vontade, fecha-se 2016 com um número de artigos maior do que o previsto no planejamento anual, publicando-se um total de 27 (no lugar de 25), o que se explica pelo empenho em equilibrar o total de artigos de dossiê e de artigos recebidos espontaneamente. Contudo, problemas financeiros e os preparativos para entrar em 2017 com saldo positivo em caixa nos impediram de publicar traduções, presentes na RBH há anos. (As duas únicas versões para o inglês foram voluntariamente providenciadas com recursos privados.)

A RBH agradece a quem se envolveu com seu labor e engenho, voluntário, gratuito, ou não. Pablo Serrano e Deivison Amaral concorreram positivamente como assistentes editoriais, com vezeiros entusiasmo e afinco. Armando Olivetti, Flavio Peralta e Roberta Accurso prestaram serviços profissionais de grande qualidade.

Gravam-se aqui penhorados agradecimentos ao Programa de Pós-Graduação em História, Cultura e Práticas Sociais da Universidade do Estado da Bahia (PPGHCPs-UNEB), e também ao CNPq.

*Antonio Luigi Negro*  
Universidade Federal da Bahia (UFBA).  
Salvador, BA, Brasil.  
rbh@anpuh.org

## REFERÊNCIA

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*. 26.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.